

GRANDE LOJA MACÇÔNICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO



A Verdade

ANO LXVIII - Nº 543 - Março / Abril de 2021

Revista Maçônica



Os Cavaleiros Templários e a descoberta do Brasil

Arte produzida com imagens
de Freepik Premium.

◆ O que é Deus? ◆



Aos poucos, o nevoeiro vai se dissipando, e o brilho da luz salvadora do farol que orienta a direção para um porto seguro nos alegra o coração e nos enche de esperança e otimismo. Essa linguagem figurada serve bem ao propósito de ilustrar a situação, permeada de incertezas, pela qual todos nós passamos nesses mais de 365 dias de pandemia.

Não foi apenas o medo de adoecer ou de perder alguém querido. Não foi apenas a dificuldade enfrentada por muitas empresas e profissionais. Não foi apenas a incerteza da eficácia das vacinas. Somando-se a tudo isso, ainda tivemos o afastamento social, cujo prolongamento tornou-se tão cruel quanto os outros efeitos devastadores da Covid-19. Sem podermos nos reunir, a alegria e a satisfação de estarmos juntos das pessoas amadas ficaram apenas nas lembranças, nos sonhos, nos desejos futuros.

E para nós, maçons, ficar sem receber o abraço e o ósculo fraternos, semanalmente, é deusas triste. Maçonaria é, em sua essência, reunião. Reunimo-nos não apenas para o aprimoramento moral, intelectual ou espiritual. Nossas reuniões engrandecem a instituição, nos fortalecem, nos dão a sensação de segurança, nos revigoram o ânimo para seguirmos em nossa tarefa na Arte Real. Por isso, estamos sentindo tanto a falta de ouvir a batida do malhete do Venerável Mestre, declarando abertos os trabalhos.

Apesar dos encontros virtuais, por meio da Internet, tenho a certeza de que todos nós estamos extremamente ansiosos para voltar às sessões em loja. Quando nos for permitido – e que o Grande Arquiteto do Universo faça que seja o quanto antes –, o abraço do irmão querido será ainda mais valorizado e certamente ajudará a curar as feridas que esses tempos sombrios abriram em nossa alma. Não há sentimento mais confortante do que estar entre os nossos iguais, comungando dos mesmos anseios salutareis e desfrutando das benesses que a verdadeira fraternidade proporciona para o ser humano.

Mas enquanto as reuniões presenciais estão vetadas em nosso Estado, a Glesp não pode parar. As atividades administrativas e as reuniões de planejamento e implantação dos diversos projetos em andamento continuam a pleno vapor, mesmo que de maneira remota. Exemplo disso são as eleições nas lojas jurisdicionadas.

Em 2020, o processo eleitoral eletrônico e virtual já obteve excelentes resultados. Sua implantação, em parceria com a ferramenta da TOTVS, foi um sucesso. Neste ano, ainda pelas incertezas provenientes da pandemia, iremos realizar as eleições para Venerável Mestre e demais cargos administrativos também de maneira remota.

A Sessão de Eleição Digital de Mestres Maçons, na qual cada irmão poderá exercer seu direito de votar, realizar-se-á no período de 31 de maio a 4 de junho, das 10 às 20 horas. O link para votação e as demais orientações do Tribunal Eleitoral Maçônico (TEM) já estão disponíveis no site da Glesp.

Todo o processo eleitoral durará de 17 de maio a 10 de julho, incluindo emissão do Edital de Convocação das lojas, divulgação das chapas concorrentes, votação propriamente dita, homologação do TEM, solicitação e aprovação da Comissão Instaladora por parte do Grão-Mestre e realização das Cerimônias de Instalação e Posse ou somente Posse. Compreende um trabalho intenso, sincronizado, que envolve diversos departamentos da instituição e o empenho de muitos membros da administração. Por isso, essa iniciativa colocou a Glesp, mais uma vez, na vanguarda da Maçonaria brasileira.

Conto com cada irmão, de todas as lojas jurisdicionadas, para alcançarmos e ampliarmos o sucesso do ano passado, rogando ao Grande Arquiteto do Universo o privilégio de poder cumprimentar, pessoalmente, na medida do possível, os Veneráveis Mestres eleitos.

Fraternalmente,



Grão-Mestre João Xavier

◆ EXPEDIENTE ◆



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre João Xavier
Loja Manchester Paulista, 413
Oriente de Sorocaba

Conselho Editorial

Antonio Soares da Fonseca Junior (L. 551)
Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Ricardo Mário Gonçalves (L. 10)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)
Valdemar Sansão (L. 726)

Editor e Jornalista Responsável

Vagner Apinhanesi (MTB: 41.856-SP)

EDIÇÃO DIGITAL

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem. Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.





Os Cavaleiros Templários e a descoberta do Brasil

A Ordem dos Cavaleiros de Cristo herdou todas as propriedades e fortalezas de sua antecessora, a Ordem dos Cavaleiros Templários. Os navios que aportaram no Brasil pela primeira vez traziam em suas velas o emblema da Cruz da Ordem de Cristo, aparentemente uma versão modificada da antiga cruz templária.



4
Capa

O número 3 e Jesus

Nasceu em dezembro, mês 12, ou seja, múltiplo de 3. Foi visitado e anunciado ao mundo pelos três reis magos, apresentado ao templo aos 12 anos ($1 + 2 = 3$). Viveu ocultamente 18 anos ($1 + 8 = 9$, que é múltiplo de 3). Reapareceu aos 30 anos ($3 + 0 = 3$). Cumpriu toda a sua missão durante três anos.



10



32

Solidariedade

Segundo sua definição, Solidariedade é um ato de bondade para com o próximo. É o sentimento de amor ou compaixão pelos necessitados ou injustiçados que impele o indivíduo a prestar-lhes ajuda moral ou material.

O que é Deus?

Só existem duas possibilidades: ou Deus existe, ou não existe. Se a resposta for a segunda alternativa, a dificuldade estaria em se aceitar tudo como obra do acaso. Sinceramente, parece-me que, até porque daria muito menos trabalho e menos desafio de encarar a razão, todos deveriam acreditar na existência de Deus.



14



36

Rito São João: da Hungria para o Brasil

A primeira loja a praticar esse rito no Brasil foi a Loja Resurreccio, 99, fundada em 1956 na capital paulista e pertencente à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (GleSp), e é sobre essa saga de coragem e amor pela prática da Arte Real que trata esse artigo.



20

Reflexões sobre a pandemia

Se por um lado, esse traumático episódio será lembrado com profunda dor e tristeza por muitos em razão do passamento de seus entes queridos que sucumbiram diante de tal doença, por outro, ele contribuiu para o surgimento de uma nova realidade, que a médio ou longo prazos fará com que todos sintam os seus efeitos positivos.

Platonismo, Maçons e Maçonaria

Para Platão, os seres humanos e a polis possuíam a mesma estrutura: corpo e alma, sendo esta o mundo ideal. A Maçonaria também pode ser composta dessa forma. Seu corpo é a estrutura administrativa e as lojas. E a alma da Maçonaria pode ser vista da mesma forma, pois seus preceitos e seus princípios afirmam todo ideal de uma sociedade justa e perfeita, beirando a utopia.



24

A Pedra Chave e a Maçonaria da Marca

O artigo apresenta uma abordagem sucinta sobre a lenda do Grau da Marca e traça um paralelo entre a medida adimensional da Constante de Estrutura Fina, que se não fosse exatamente o resultado da divisão de $1/137$, o nosso Universo não existiria.



28

ERRATA

Na edição 542 de janeiro/fevereiro de 2021, ocorreu uma troca no nome do autor do artigo Solidariedade, publicado na página 20. O autor do referido texto é o irmão Luís Antônio Bertoloto, obreiro da Loja Joia Fraternal Jorge de Lollo, 268, Oriente de São Joaquim da Barra. Pedimos desculpas pelo nosso erro e, como reparação, publicamos o artigo novamente nesta edição.



Os Cavaleiros Templários e a descoberta do Brasil

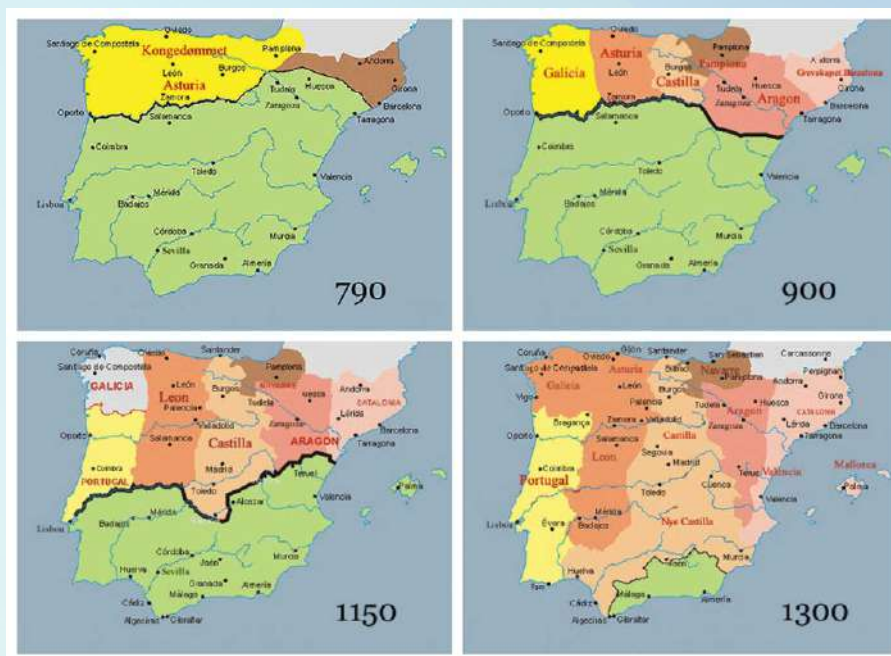


Irmão Edson Soto Moreno
Loja Luz, Vida e Amor, 690
Oriente de Sorocaba

Arte produzida com imagens
de Freepik, Premitbam.

Ao longo de sua história, Portugal sempre lutou muito para sobreviver como um Estado soberano, contra muitos adversários. No século VIII, foram os muçulmanos vindos do norte da África que, em 711, invadem a Península Ibérica, derrotam os visigodos na batalha de Guadalete e

em poucos anos ocupam quase todo o território, com exceção de uma zona ao norte da península, as Astúrias e o país Basco. Foi nessa região que se refugiaram os nobres visigodos e de onde partiu a Reconquista Cristã das terras perdidas para os muçulmanos na Península Ibérica.



Território dominado pelos mouros no século VIII (área em verde)

Houve recuos e avanços na luta pela Reconquista, e só quando os muçulmanos se dividiram é que os cristãos ganharam terreno na Península Ibérica, mas os muçulmanos pediram a ajuda aos Almorávidas e, com isso, D. Afonso VI, rei de Leão e Castela, foi obrigado a pedir ajuda aos franceses.

Então, a Borgonha, na França, envia o Conde Dom Henrique para combater os mouros em 1094. Por seus méritos de cavaleiro em batalha, D. Henrique ganha de D. Afonso VI o Condado

Portugalense, após casar-se com sua filha, a infanta D. Teresa de Leão. Esse condado era muito maior em extensão, já que abarcava também os territórios do antigo condado de Coimbra, suprimido em 1091, partes de Trás-os-Montes e ainda do sul da Galícia.

Com o estabelecimento do Reino de Portugal em 1139, cuja independência foi reconhecida em 1143 e a consequente estabilização das fronteiras em 1249, Portugal tornou-se assim o mais antigo Estado-nação da Europa.

Assim, o Condado Portucalense deixa de ser um mero apêndice da Espanha para se tornar um estado soberano com dinastia real própria, com fronteiras bem definidas, claras divisões administrativas, um exército leal ao rei e com o reconhecimento e apoio do Santo Papa (algo fundamental naqueles tempos), sua própria moeda, e um idioma próprio com características bem distintas do resto da Europa e que viria a criar um vasto tesouro literário para o qual contribuiriam gênios como Antero de Quental, Luís de Camões, Eça de Queiroz e muitos outros.

Brasil, Portugal e os Cavaleiros Templários

Existe um capítulo fundamental na formação da história de Portugal que é pouco conhecido de nós brasileiros e pouco reconhecido pelos acadêmicos. Trata-se da relevância da Ordem dos Cavaleiros Templários (os monges guerreiros) na história de Portugal.

Os Templários foi uma Ordem de Cavalaria de guerreiros da elite da nobreza europeia, tendo seus altos escalões sido formados e preenchidos pelas principais casas da aristocracia da Europa.

A Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão (em latim *Ordo Pauperum Commilitonum Christi Templique Salominici*), mais conhecida como Ordem dos Templários, Ordem do Templo ou Cavaleiros Templários, foi uma das mais famosas Ordens Militares de Cavalaria, mas com certeza a mais importante de todos os tempos.



Jose Manuel - Creative Commons

A Igreja de Santa Maria dos Olivais, também referida como Igreja de Santa Maria do Olival, localiza-se na margem esquerda do rio Nabão, na cidade de Tomar, distrito de Santarém, em Portugal. O primitivo templo foi fundado por volta de 1160 por D. Gualdim Pais, mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários, no local onde anteriormente se erguia um mosteiro da Ordem Beneditina, mandado edificar no século VII por São Frutuoso, Arcebispo de Braga. Essa zona integrava a antiga cidade romana de Sêlio, fato confirmado por escavações levadas a cabo nas imediações dessa igreja e que puseram a descobertos alicerces e estruturas dos antigos edifícios e arnuamentos. Erguida no século XII, foi a sede da Ordem dos Templários no país, tendo servido como panteão dos mestres da ordem. Diante da extinção da ordem, essa igreja tornou-se a cabeça da Ordem de Cristo e a matriz de todas as igrejas do Império Português, com honras de Sé Catedral.

A organização existiu por cerca de dois séculos na Idade Média, fundada no rescaldo da Primeira Cruzada de 1096, com o propósito original de proteger os cristãos que voltaram a fazer a peregrinação a Jerusalém após a conquista da Terra Santa.

Os seus membros faziam votos de pobreza, castidade e da fé em Cristo para se tornar monges, usavam mantos brancos com a característica cruz vermelha, e o seu símbolo passou a ser um cavalo montado por dois cavaleiros.

O nome da ordem é em decorrência do local onde originalmente se estabeleceram (no

Monte do Templo em Jerusalém, onde existia o Templo de Salomão, destruído em 70 d.C. pelas legiões romanas de Tito Vespasiano e local em que se ergue a atual Mesquita de Al-Aqsa). Neste lugar, realizaram-se pesquisas e escavações, chegando a importantes e desconcertantes descobertas que o Vaticano e os papas quiseram manter em segredo, o que fez com que obtivessem excepcionais poderes concedidos pela Igreja.

Os Templários entraram em Portugal ainda no tempo de D. Teresa, que lhes doou a povoação de Fonte Arcada, em Penafiel, em 1126.



Marcio Santos - Creative Commons

Igreja do Castelo dos Templários de Tomar. A sua planta circular evoca a Igreja dos Templários em Jerusalém.

Um ano depois, a viúva do conde D. Henrique entregou-lhes o Castelo de Soure sob compromisso de colaborarem na conquista de terras dos mouros. Em 1145, os Templários receberam o Castelo de Longroiva. Dois anos

depois, ajudaram D. Afonso Henriques na conquista de Santarém e ficaram responsáveis pelo território entre o Mondego e o Tejo.

Os Templários portugueses, a partir de 1160, ficaram sediados na cidade de Tomar.

Em dois séculos de existência, os Templários tornaram-se muito ricos e poderosos. Criaram o embrião do primeiro banco e emprestavam dinheiro a muitos monarcas e ao próprio Vaticano.

Felipe IV da França era um dos maiores devedores aos Templários e, para livrar-se da dívida, uniu-se ao papa Clemente V em um plano para eliminar a organização templária e apossar-se de seus bens.

Através da bula papal *Regnans in coelis*, em 12 de agosto de 1308, o papa Clemente V dá conhecimento aos monarcas cristãos do processo movido contra os Templários, e pela bula *Callidi serpentis vigil* (dezembro de 1310), decretou a prisão e a extinção dos mesmos. Jacques DeMolay, último Grão-Mestre da ordem, foi queimado na fogueira, em Paris, em 1314.

Em Portugal, a partir de 1310 e da bula papal, o rei D. Dinis buscou evitar a transferência dos bens da ordem extinta pela igreja e sutilmente apoiou todos os Cavaleiros Templários que buscaram refúgio em seu reino.

Além de possuir riquezas (até hoje ainda procuradas) e uma enorme quantidade de terras na Europa, a Ordem dos Templários mantinha uma grande esquadra de navios. Os cavaleiros, além de temidos guerreiros em terra, eram também exímios navegadores

e utilizavam sua frota para deslocamentos e negócios com várias nações.

O desaparecimento da esquadra da ordem é outro grande mistério. No dia seguinte ao aprisionamento dos cavaleiros franceses, em 13 de outubro de 1307, toda a esquadra zarpuou do porto de La Rochelle, durante a noite, em direção ao Atlântico, com a cruz vermelha da ordem em suas velas, desaparecendo sem deixar registros.

Por “coincidência”, nessa mesma data (1307), o Rei Português D. Dinis nomeava o primeiro almirante português de que existe memória, apesar de, nessa época, Portugal não ter armada.

Por outro lado, D. Dinis evitava entregar os cavaleiros Templários e os bens dos mesmos à Igreja e conseguiu criar uma nova ordem de cavalaria, a Ordem dos Cavaleiros de Cristo, em 1318, com base na Ordem Templária, adotando para símbolo uma adaptação da cruz orbicular templária, levantando a dúvida de que ele estava protegendo os Cavaleiros Templários. Podemos supor que foi com a honra intacta que todos eles ingressaram na nova ordem criada por D. Dinis, rei de Portugal.

Na verdade, não há consenso entre os historiadores sobre a composição da nova ordem de cavaleiros e monges guerreiros. Para alguns, os templários portugueses (presentes no país desde os tempos do fundador dos Templários, Hugo de Payns) teriam apenas trocado de nome.

De qualquer maneira, a Ordem dos Cavaleiros de Cristo herdou todas as propriedades e fortalezas de sua antecessora, assim como os votos de pobreza, castidade e obediência (agora ao rei de Portugal).



Caravela Templária, da Ordem dos Cavaleiros de Cristo, que se fizeram ao mar quando o tempo chegou: em 8 de março de 1500, para (re)descobrirem o Brasil.

Novas mudanças liberaram os cavaleiros de seu voto de castidade e pobreza, permitindo que navegadores como Cristóvão Colombo, Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama se tornassem membros da Ordem de Cristo.

Os navios que aportaram no Brasil pela primeira vez traziam em suas velas o emblema da Cruz da Ordem de Cristo, aparentemente uma versão modificada da antiga cruz templária.

Ao longo do século seguinte, os consideráveis recursos militares, econômicos e, principalmente, o conhecimento de rotas e correntes marítimas, da construção de navios

transoceânicos, a posse de mapas, e o conhecimento da existência de terras à oeste de Portugal, que os líderes da Ordem dos Cavaleiros Templários detinham quando passaram a ser comandados pelo rei D. Dinis, foram direcionados para a expansão marítima portuguesa, que estava ganhando impulso.

A Ordem de Cristo ganharia soberania sobre os territórios que conquistasse na África, bem como o direito a 5% do valor das mercadorias vindas da região.

Os ex-templários, agora Cavaleiros da Ordem de Cristo, estabeleceram escolas náuticas, construíram estaleiros, sigilosamente construíam navios e confeccionavam mapas geográficos costeiros e náuticos, com correntes marinhas, ilhas, ilhotas e recifes, estudavam a navegação pelos astros, os ventos, a atmosfera, e a dirigibilidade das velas; determinavam como deviam ser construídos os cais e ancoradouros; compilaram o que hoje se chamaria de uma minuciosa oceanografia. Sempre almejando derrotar os mouros e lançar-se ao grande mar em busca de “novas” terras que eles já sabiam que existiam.

Portugal vive assim quatro séculos, de 1200 a 1600, mergulhado em febril projeto de expansão marítima. Desbrava e conquista muitos lugares, a Ilha da Madeira, Açores e mais locais no litoral na África, ali construindo fortes e postos avançados para comércio e evangelização dos povos nativos. No início do século XVII, Portugal já é o quinto país mais poderoso do mundo.

Pedro Álvares Cabral era um membro nobilíssimo da Ordem dos Cavaleiros de Cristo. Em segredo, ele era um Cavaleiro Templário. Tanto que, quando chegou às Terras de Vera Cruz (mais tarde Santa Cruz e, por fim, Brasil), nas praias da Bahia, ele trazia em suas mãos, em um gesto reverente e respeitoso, a bandeira da Ordem dos Cavaleiros de Cristo, sucessora dos Cavaleiros Templários, que foi hasteada na praia. Não era a bandeira do Reino de Portugal, mas a da Ordem dos Cavaleiros de Cristo. Interessante notar que a nova terra descoberta foi inicialmente chamada de “Terra de Vera Cruz” (Terra da Cruz Verdadeira). Referência e homenagem aos Templários?

O mesmo gesto teve o navegante sob a bandeira espanhola, Cristóvão Colombo, ao descer nas novas terras das ilhas que descobrira quando chegou à América do Norte, também desfraldando a bandeira dos Cavaleiros Templários. ◆

Referencias:

Gran Priorato Templário do Brasil – Cavalaria Espiritual São João Batista, vinculado ao Gran Priorato Internacional Templário Jacques De Molay.

Revista Superinteressante, publicado em 31 janeiro de 1998.

Blogspot O Malhete.

Curso “A História da Ordem do Templo na Península Ibérica”, do Instituto Makharajj Brasilan.





O número Jesus e

Irmão Antonio Soares da Fonseca Jr.
Loja Paz e Harmonia, 551 – São Paulo

Nasceu em dezembro, mês **12**, ou seja, múltiplo de **3**.

Com a sua vinda, compôs a sagrada família de **três** pessoas, Jesus (5), Maria (5) e (1) José (4). Somando-se as letras dá o número **15** (múltiplo de **três**), e desdobrando o número dá $1+5 = 6$ (múltiplo de **três**).

Foi visitado e anunciado ao mundo pelos **três** reis magos.

Foi apresentado ao templo aos **12** anos: $1 + 2 = 3$.

Viveu ocultamente **18** anos ($1+8 = 9$, que é múltiplo de **3**).

Reapareceu aos **30** anos ($3+0 = 3$).

Cumpriu toda a sua missão durante **três** anos.

Escolheu **12** apóstolos ($1+2 = 3$).

Foi preso à meia-noite (**12** horas: $1+2 = 3$).

Três classes de poder o condenaram: Herodes (governo hebreu); Pôncio Pilatos (governo romano) e casta sacerdotal (governo religioso).

Foi o **terceiro** crucificado na via sacra. Teve **três** quedas ainda na via sacra e encontra-se **três** vezes com mulheres: na **quarta** estação (encontro com a mãe); na **sexta** estação (encontra-se com Verônica, que enxuga o rosto do Cristo) e na **oitava** estação (o encontro foi com as mulheres de Jerusalém).

Na soma dos números das estações, $4+6+8 = 18$; $1+8 = 9$ (múltiplo de **3**).

A via sacra tem **15** estações, sendo que $1+5 = 6$ (múltiplo de **3**).

A soma dos números das estações $1+2+3+4+5+6+7+8+9+10+11+12+13+14+15$ é igual a **120** ($1+2+0 = 3$).

No calvário, as **três** madeiras: a horizontal, a vertical e a tableta INRI.

Na cruz, os **três** cravos.



A morte ocorreu à **nona** hora, que é **três** da tarde.

No calvário, Jesus esteve com vida em apenas **três** estações: na décima estação (10^a), quando despiram-no de suas vestes; na décima primeira estação (11^a), quando foi pregado na cruz; e na décima segunda estação (12^a), quando dá o último suspiro e morre. A soma do número destas três estações é $10+11+12 = 33$ (**três** duas vezes).

Morreu aos **33** anos.

A ressurreição ocorre após o **terceiro** dia

Três mulheres o acompanhavam sempre: Maria (a mãe), Maria Madalena e Marta.

Três evangelistas o conheceram: Marcos, Mateus e João. Lucas não chegou a conhecê-lo.

Faz parte da **Trindade** Santíssima: Deus pai (o Criador), Deus filho (Jesus) e Deus espírito santo (o infinito amor).

Ora, a soma das palavras pai (3) + filho (5) + espírito (8) santo (5) dá o número **21**, ou seja $2+1=3$. Se acrescentarmos a palavra “Deus” ficaria Deus pai + Deus filho + Deus espírito santo, dando uma soma de **33** letras (múltiplo de **três** por excelência).

O animal que o transportou para o Egito e em cujo dorso também entrou em Jerusalém

no Domingo de Ramos é o burro, que no jogo de azar (jogo do bicho) tem o número **três** e que, em latim, tem o nome de asinus, com **6** letras (múltiplo de **três**).

Três cidades importantes em sua vida: nasceu em Bethlehem (**nove** letras), viveu em Nazaré (**seis** letras) e morreu em Jerusalém (**nove** letras).

Todas as cidades múltiplas de **três**, sendo que os outros nomes de Nazaré (Naseriyye ou Genesaret) têm **nove** letras, múltiplo de **três**, e Hierosolimma, que é Jerusalém em latim, tem **12** letras, que é múltiplo de **três**.

A solução única e definitiva que Jesus pregou para a nossa salvação foi: “eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao pai, a não ser por mim” (João 14:6). Portanto, **três** situações irrefutáveis.

O primeiro milagre ou manifestação pública de seu poder foi nas bodas (5) de (2) Canã (5), e somando as palavras temos $5+2+5 = 12$ ($1+2 = 3$).

Em João 2: 1-8: “Ao **terceiro** dia, fizeram-se umas bodas em Caná da Galileia; e estava ali a mãe de Jesus, e foi também convidado Jesus e os seus discípulos para as bodas. E, faltando vinho, a mãe de Jesus lhe disse: **não**

têm vinho (11 letras). Disse-lhe Jesus: **mulher, que nos importa a mim e ti isto? Ainda não é chegada minha hora** (55 letras). O diálogo todo tem 66 letras ou seja, além do seis ser um múltiplo, a sua soma ($6 + 6$) é igual a 12, que por sua vez é $1 + 2 = 3$.

Sua mãe disse aos serventes: **fazei tudo quanto ele vos disser** (soma 27 letras, $2+7 = 9$, múltiplo novamente).

Somando-se a última frase de Maria, que tem 27 letras (múltiplo), com as frases do diálogo, 66 letras (também múltiplo), dá um total de 93 letras, onde o múltiplo **nove** com o próprio **três** dá 12. Assim, $1 + 2 = 3$.

E estavam ali postas **seis** (múltiplo de 3) talhas de pedra, para as purificações dos judeus, e em cada uma cabiam três metretas (medida grega que corresponde a 30 litros). Disse-lhes Jesus: enchei de água essas talhas. E encheram-nas até em cima.

Nas Bem-aventuranças é citado por **nove** (múltiplo de 3) vezes a frase “bem-aventurados são...” ou “felizes serão...”

São **três** as relíquias principais que o mundo tenta mostrar aos povos: a túnica, o cálice e a cruz.

São **três** as relíquias secundárias, que não

se faz tanto alarde em provar a sua veracidade: a coroa de espinhos, as sandálias e o pano com o rosto impresso (após o enxugamento por Verônica).

São **três** as frases menos marcantes ditas de cima da cruz antes dos minutos finais: “Mãe, eis aí o teu filho!”, “Pai, afasta de mim este cálice!” e “Hoje mesmo estarás comigo no paraíso” (ditas ao bom ladrão).

São **três** as frases mais marcantes ditas de cima da cruz nos minutos finais: “Pai, por que me abandonaste?”, “Perdoai-lhes, eles não sabem o que fazem”, e “Tudo está consumado!”.

E para esnobar, numa brincadeira com o estimado leitor: Antônio (7) Soares (6) da (2) Fonseca (7) Jr. (2), somando $7 + 6 + 2 + 7 + 2 = 24$, ou seja $2 + 4 = 6$ (múltiplo de 3). ◆

Fim (3)

The End (6)

οιη (3)

A muscular man is shown from the waist up, looking down and to the right. He is wearing a headband and a wristband. The background is a vibrant, colorful space scene with galaxies, nebulae, and stars. A glowing atomic model is visible on the right side of the image.

O que é Deus?

Irmão Humberto do Nascimento Filho
Loja Sesquicentenário, 153 – Oriente de São Paulo

Numa conversa entre irmãos nem precisaria iniciar da forma que o farei. Mas, se o faço, é para que o raciocínio que quero propor fique mais claro para todos. Assim sendo, vamos seguir, lembrando que só existem duas possibilidades: ou Deus existe, ou não existe.

Se a resposta for a segunda alternativa, pela Sua não existência, a dificuldade estaria em se aceitar tudo como obra do acaso, já que não haveria uma mente inicial, causa primária da criação de todo um Universo.

E apenas para registro, estamos falando aqui do Universo Infinito e não só desse que nos é conhecido e observável de aproximadamente 15 bilhões de anos-luz.

Nesse universo observável temos aproximadamente 2 trilhões de galáxias, sendo uma delas a Via Láctea. E segundo dizem os pesquisadores, a Via Láctea é uma das menores galáxias e, mesmo assim, compõe-se de um número entre 200 e 400 milhões de estrelas de várias grandezas. Uma dessas estrelas é o nosso Sol, e este contém sete planetas que o orbitam, entre eles, a Terra. Se esse é o Universo conhecido e observável, o que pensar de um Universo Infinito?

Pra quem gosta de matemática simples, está aí uma boa conta pra se fazer: 2 trilhões de galáxias, multiplicado por uma estimativa de 300 milhões de estrelas, multiplicado por sete planetas. Tudo isso saído de um único e grande Big Bang. E tudo obra do acaso!?

Diz-nos o hermetismo que o que está em cima é como o que está em baixo, então, vejamos: de uma única célula, formada a partir do encontro do óvulo com o espermatozoide, que vai se dividindo, até chegar a aproximadamente 10 trilhões de células num adulto. De uma única célula, que se divide e, mais interessante ainda, não se divide aleatoriamente, mas se

especializa por partes: umas para se tornarem músculos, outras órgãos, outras ossos... tudo também obra do acaso?

Para não esticar demais, porque, como disse, nessa conversa não precisaria nem dessa introdução, proponho só mais uma questão: há leis naturais, e disso ninguém duvida. E como estamos analisando a opinião daqueles que não acreditam na existência de Deus, chegamos ao ponto em que eles precisam admitir que o acaso tem a sabedoria de criar leis universais. Fantástico! Esse acaso, se existisse, seria fantástico! Um verdadeiro deus.

Sinceramente, parece-me que, até porque daria muito menos trabalho e menos desafio de encarar a razão, todos deveriam acreditar na existência de Deus.

Mas como disse no início, aqui não precisaria dessa introdução: somos maçons. E para sê-lo, já na Iniciação, tivemos todos de asseverar nossa crença em Deus. Isso nos bastou naquele momento para sermos admitidos na Iniciação, claro que além de sermos livres e de bons costumes.

Continuando... Para chegarmos até a Iniciação, bastou acreditar na existência de Deus. Mas já bem no início daquela sessão, o iniciando ouve e participa de uma oração, como todos ouvimos e participamos naquela ocasião, onde começa a reconhecer Deus em seus atributos: infinito poder, infinita misericórdia, uno, autossubsistente, onisciente, onipotente, onipresente.

Isso já na Iniciação!

Bastar-nos-ia, então, anotar e decorar essas informações? Penso que não.

E a Maçonaria, sábia e homeopática como sempre, prossegue seu ensinamento, e já na primeira instrução que recebe em loja, o Aprendiz ouve a advertência: Tornai-vos pois “investigador da Verdade”.





Ora, se a verdade deve ser investigada, então só decorar os atributos da Divindade acima expostos não parece suficiente. Concorda comigo?

Seguindo na mesma linha desse raciocínio, diz o ritual que entre os nossos deveres de maçons está, além de outros, combater o fanatismo e a superstição, que são os flagelos causadores de todos os males que afligem a humanidade. Vou repetir dada a gravidade da observação: o fanatismo e a superstição, ensina-nos a Maçonaria, são os flagelos causadores de todos os males que afligem a humanidade. E segue aprofundando o tema, explicitando os motivos de a Maçonaria combater o fanatismo, ou seja, porque a exaltação religiosa perverte a razão e conduz os insensatos a, em nome de Deus e para honrá-lo, praticarem ações condenáveis. O fanatismo é uma moléstia mental contagiosa que, implantada em um país, toma foros de princípio, em cujo nome, os execráveis atos de fé fizeram perecer milhares de indivíduos úteis à sociedade.

Então, fica claro: não basta simplesmente acreditar em Deus, tendo ou não uma religião. Ora, se o fanatismo perverte a razão, e perverter, segundo o dicionário, significa diminuí-la, desprezá-la, desacreditá-la, então, usar a razão, engrandecer a razão e glorificar a razão seriam antídotos contra o fanatismo, essa moléstia mental contagiosa como diz nosso ritual.

Usar a razão. Esse é nosso objetivo hoje, e assim peço aos irmãos que roguem comigo que, por bondade do Grande Arquiteto do Universo, possamos ser inspirados e instruídos, cada um dentro de seu entendimento e capacidade, para nos tornarmos um pouco melhores e mais aptos ao trabalho de tornar feliz a humanidade. Trabalho esse que absorvemos de livre vontade e ao qual juramos fidelidade.

E que assim seja!

Usando a razão, já que a certeza da existência de Deus está superada para todos nós, começamos

com a pergunta que deu título a esta explanação: O Que é Deus?

Obviamente, não pretendemos definir a divindade, até porque a razão nos diz que o que é infinito não pode ser definido, já que, entre seus sinônimos, definir também quer dizer delimitar. Seria contrasenso colocar limites no que é infinito, portanto ilimitado. Já que não podemos dizer o que Deus é, podemos, com os elementos que dispomos acima e com o uso da razão, dizer certa e claramente o que Ele não pode deixar de ser, baseando-nos no que aprendemos dEle já na Iniciação. Explico:

Deus tem de ser eterno. Porque se tivesse tido um início, por mais distante que fosse esse início, ou teria sido criado por um outro ser anterior, sendo então esse ser anterior o verdadeiro Deus, ou teria surgido do nada, por obra do acaso. E então teríamos que admitir que o nada ou acaso poderia criar Deus, o que é totalmente ilógico e irracional.

Sendo Deus eterno, é infinito, é onipresente, como nos diz o ritual.

É uno e, portanto, todo-poderoso.

Tudo sabe, porque é onisciente.

É misericordioso, porque soberanamente bom e justo.

Avançamos, mas não basta ainda nos limitarmos nesses conceitos; entendo que nos é possível, além de necessário, irmos além. Afinal, cabe-nos o dever de sermos investigadores da Verdade, como nos disseram na primeira instrução.

Então, vamos lá: Quando digo que Deus é infinito, forçoso entender o que isso traz de significância.

Infinito é tudo aquilo que não tem fim, obviamente. Ou seja, nada pode estar fora do infinito, porque seria então uma afronta à lógica. Para usar uma ideia que trouxemos no início, imaginemos que alguém tenha feito a conta de multiplicar 10 trilhões por trezentos milhões e o resultado multiplicar por sete. Por mais imenso que seja o resultado

dessa conta, estaria infinitamente longe do infinito. Qualquer estudante primário sabe que bastaria somar-se mais um ao resultado para avançar. E assim sucessivamente, por toda a eternidade, poderíamos continuar somando mais um e mais um e mais um. Obvio, não?

Então, quando entendo que Deus é infinito, a razão me diz que nada pode estar fora de Deus, ou dizendo de outro modo, lembrando Paulo de Tarso: em Deus vivemos e em Deus nos movemos.

E sendo Deus infinito, é infinito também em Seus atributos.

Cai por terra a ideia de um Deus antropomórfico, limitado como uma figura humana, sentado num trono também limitado. O trono de Deus é o próprio Universo, não o Universo observável, mas o Universo infinito.

Eu disse Universo infinito, e de propósito, para trazer aqui mais uma reflexão: o nosso tem aproximadamente entre 14 e 15 bilhões de anos e continua em expansão. Ora, se pode se expandir, obrigatoriamente é porque nosso Universo não é infinito.

Mas para termos uma ideia de dimensão, a ciência nos diz que a luz viaja a uma velocidade de 300 mil km/s. Chega até a Lua, saindo da Terra, por exemplo, em pouco mais que um segundo. Nós já temos registro de estrelas que estão a mais de 9 bilhões de anos-luz da terra. Ou seja, a luz que vemos hoje, olhando num telescópio, saiu de lá há 9 bilhões de anos! O nosso presente é o passado de 9 bilhões de anos atrás daquela estrela. Ou ainda, praticamente 5 bilhões de anos antes que a Terra existisse.

Distância enorme, mas ainda aqui para reforçar que é infinitamente menor que o infinito.

Acompanhando até aqui o raciocínio?

Quando digo que Deus é eterno, entendo claramente que eternidade significa não ter início nem fim, isto é, inexistência de tempo.

Ou seja, Deus não fez ontem, nem fará amanhã,



porque esses tempos verbais embutem ideia de passado e de futuro, e o Eterno não se sujeita ao tempo.

Deus faz! Ou como nos ilustra o Antigo Testamento: Eu sou o que sou!

O Eterno cria na eternidade, em leis eternas.

Mas não é só. O Eterno também é imutável.

Sim, o Eterno não muda, porque mudar implica na aceitação da ideia de tempo. E, repito, eternidade é inexistência de tempo.

Já ouvi então aqui a pergunta: Se Ele é imutável, então poderíamos pensar que Deus também é inativo?

A resposta certamente só pode ser um sonoro: Errado!

Imutável só quer dizer que não muda. Não mudar é fazer sempre a mesma coisa, ter sempre as mesmas leis.

Leis essas resumidas por Jesus, como sabem os que são cristãos, na sua aplicação prática: “amar ao próximo como a si mesmo”.

Seguindo o raciocínio, Deus é todo-poderoso, porque é único.

Um grande avanço na evolução humana, certamente, foi quando, por intuição ou o nome que se queira dar a essa descoberta (qualquer nome, menos acaso), a humanidade chegou ao monoteísmo.

O uso da razão claramente nos remete a essa certeza do monoteísmo.

Veja: Se houvesse mais de um deus, esse outro deus teria forçosamente que ser eterno também e criaria igualmente na eternidade.

Ora, ou esses deuses seriam iguais em tudo, por toda eternidade, o que os faria como um só, ou se fossem diferentes, haveria duas leis universais diferentes sobre um mesmo tema. Fosse assim, o universo não teria nenhuma estabilidade, porque um estaria eternamente desfazendo o que o outro deus fez. Não haveria um Todo-Poderoso, porque o poder estaria eternamente dividido.

E não é isso o que se vê. Aliás, em todas as nossas lojas, somos lembrados disso, na oração feita na abertura da sessão pedindo que os trabalhos possam ser o reflexo da ordem e da beleza que resplandecem no trono de Deus.

Seguindo: Na Maçonaria, pela fraternidade e tolerância, todos os irmãos podem livremente ter suas próprias demonstrações de respeito e devoção, através da religião ou culto que escolheram para si.

Mas sem esquecer, obviamente, que tudo no augusto templo tem de ser tratado sob os influxos da Moral e da Razão.

E o templo vai do Oriente ao Ocidente, de Norte a Sul, das profundezas da Terra ao Céu, ou seja, em todo lugar.

Assim, onde houver um maçom, moral e razão devem coexistir como energia una, inseparáveis.

Mas reflitamos: basta aceitar que Deus é único, ou seja, um só?

Se eu tenho minha ideia de Deus (e aqui volto a trazer o conceito de que Deus se mostra em tudo e em todos, logo, tudo e todos merecem na essência o meu respeito, porque têm em Deus a causa primária de sua existência) e você tem outra, e minha atitude for sectária, maniqueísta, de fanatismo, sou levado a ver sua ideia diferente como errada.

Você estará errado e seu deus é falso e, portanto, vou combatê-lo tentando aniquilar você e sua ideia. Entende o perigo?

O monoteísmo foi um grande avanço na história da humanidade, sem dúvida. Mas, repito, se for um monoteísmo sectário e se apresentar associado ao orgulho maniqueísta de eu me achar o “certo”, orgulho que me leva à tirania de querer impor minha opinião, à ignorância de me achar Mestre e, portanto, sem nada mais a aprender, ou aos preconceitos em relação ao que pensam os outros e aos erros em relação ao meu progresso, impedindo-me de levantar templos à virtude e cavar masmorras ao vício, o

monoteísmo que era para ser motivo de progresso se transforma em mim em moléstia moral contagiosa, como assevera nosso ritual.

Em resumo, se minha ideia de Deus não me faz enxergá-Lo em você e em todos os outros seres humanos, dos que gosto e dos que ainda não gosto, respeitando-os todos e entendendo que cada um subiu tantos degraus quantos lhes foi possível na escada mística, ou enxergar Deus no brilho das estrelas, ou no cantar dos pássaros, ou na rocha construída durante milênios, ou no fio de água que segue seu rumo dia após dia, se minha ideia de Deus não me faz cantar com Francisco de Assis versos para o irmão Sol e a irmã Lua, ou seja, repetindo mais uma vez, se não O enxergar em tudo e em todos, como uma unidade, como nuances a desvendar os pensamentos do Todo Supremo e Inatingível, é porque ainda há cimento para amassar e pedra bruta para desbastar. Segue assim a construção!

O que é Deus?

Uma pergunta de apenas nove letras, com a simbologia desse número, pergunta tão simples e pequena na aparência e tão profunda na sua complexidade.

Deus não se deixa ver, mas seu reflexo aparece em tudo para quem tem olhos de ver, e sua voz ecoa em tudo para quem tem ouvidos para ouvir.

O que é Deus?

Parafraseando uma máxima agostiniana: “Se ninguém me pergunta, eu sei; se quero explicá-lo a quem me pede, já não sei”.

Tal a busca incessante na longa jornada que nos aproxima da verdade em si, caminho a que todos somos chamados a trilhar.

Mas como muitos já descobriram, nunca sabemos tudo, eis a Verdade!

Bendito seja aquele que é por si só!

Assim seja! ◆



Rito São João: da Hungria para o Brasil

Irmão Mario Cristino Bandim Vasconcelos

Loja Waldomiro Buozi, 612

Oriente de São José dos Campos

O trabalho dos irmãos Eugene Laxa e Will Read, publicado em 1978, no Volume 90 da *Ars Quatuor Coronatorum*, sob o título “The Draskovic Observance – Eighteenth Century Freemasonry in Croatia”, nos apresenta um rico e esclarecedor panorama sobre as circunstâncias que levaram à criação do Rito São João na Hungria. Nele, os autores ilustram a sua ancestralidade fundamentada na Observância criada pelo conde, militar e maçom Ivan Draskovic.

A própria Grande Loja Simbólica da Hungria afirma, em seu sitio na Internet, que a Observân-

cia Draskovic foi a única Obediência Maçônica genuinamente húngara.

No entanto, pelo banimento da Ordem dos territórios húngaros por sete décadas e pela perseguição da Maçonaria por regimes totalitários que se sucederam na região, muitos documentos se perderam, foram destruídos ou ainda não foram localizados. Isso dificulta o entendimento de como se deu a transição da Observância Draskovic para o Rito São João. É um trecho dessa história que ainda permanece oculto sob as brumas do tempo.

A primeira loja a praticar esse rito no Brasil foi a Loja Resurrectio, 99, fundada em 1956 na capital paulista e pertencente à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp), e é sobre essa saga de coragem e amor pela prática da Arte Real que tecemos estas considerações.

Uma história de renascimento

O ano de 1956 foi especialmente turbulento para a população húngara. Eclodia a revolta contra a ditadura do governo soviético que ocupava o país desde o final da 2ª Guerra Mundial.

A União Soviética reprimiu essa revolução com mão de ferro, resultando na morte de mais de 2.500 soldados húngaros, 700 soldados soviéticos e na fuga de centenas de milhares de cidadãos húngaros, abandonando suas histórias e seus bens na busca de sobrevivência em outros recantos do mundo.

Muitos deles vieram para o Brasil, onde encontraram uma nação em franco crescimento econômico, industrial e repleta de oportunidades para reconstrução de suas vidas destroçadas pela violência da guerra.

Já no início da década de 1950, cidadãos de origem húngara (dentre eles vários maçons) se reuniam em São Paulo, no chamado Círculo Húngaro, para estudos e debates dos temas relevantes da sociedade. Eis que surge, em um jornal de língua alemã, o seguinte anúncio: “Homens livres e de bons costumes querem entrar em contato com outros homens livres e de bons costumes”. Um dos membros do Círculo Húngaro atendeu ao chamado e, desses contatos, nasceu a Loja Humanitas, em 1952, sob a jurisdição do Grande Oriente do Brasil (GOB), porém funcionando sob o Rito Schröder, em língua alemã.



Recorte de notícia do Jornal O Estado de São Paulo - 04/11/1956

Com a chegada dos refugiados em 1956 e natural aumento da colônia húngara em São Paulo, surgiu a vontade de se fundar uma loja de húngaros, mas o pedido foi negado pelo GOB.

Os irmãos então procuraram a Glesp e foram acolhidos pelo então Grão-Mestre Francisco Renato. No dia 6 de dezembro daquele mesmo ano, oito irmãos fundaram a Loja Resurrectio, 99, finalmente trabalhando sob o Rito São João.

Os rituais chegaram escondidos ao Brasil, pelos irmãos que haviam sido iniciados na Hungria, em forma de filmes, e foram rodados em mimeógrafos. Até 1983, só se iniciava nessa loja quem falasse húngaro, pois os rituais estavam todos escritos naquele idioma.

Com o natural envelhecimento dos membros da loja, ficou clara a necessidade de se ampliar o escopo de potenciais iniciados, e os rituais foram traduzidos para a língua portuguesa, facilitando assim a recepção de candidatos brasileiros. Os rituais originais estão atualmente expostos no Museu da Glesp.

Por mais de 50 anos, a Loja Resurrectio, 99, foi a única a praticar o rito, e, somente em 2009, a segunda loja foi fundada no Brasil. Atualmente, a Glesp possui cerca de 890 lojas, e, destas, apenas nove praticam o Rito São João, além da

Loja de Pesquisa Quatuor Coronati São Paulo 333, a única Obediência Maçônica brasileira a praticar esse rito.



Estandarte da Loja Resurrectio, 99. Em volta pode-se ver o nome das lojas de origem dos irmãos fundadores.

Sobre o Rito

O Rito São João conserva a sua simplicidade e muitas características de suas origens militares e iluministas do século 18. A simplicidade e objetividade originais do rito podem ser facilmente constatadas pelo exame do trecho final do citado trabalho dos irmãos Laxa e Read, onde eles resgatam o próprio texto do ritual praticado pelo irmão Draskovic.

A decoração de uma Loja de São João é bastante simples e, a exemplo do Rito Schröder, toda a simbologia dos trabalhos encontra-se sintetizada no Tapete Ritualístico, também chamado de *Tapis*, ladeado por três castiçais altos.

É simples entendermos a função originária desse tapete. Muitas lojas fundadas pelo conde Draskovic funcionavam nas fronteiras, pois seus integrantes eram militares que, não raro, estavam em conflito e precisavam se deslocar rapidamente.

Isto posto, para “desmontar” uma loja, praticamente era necessário apenas recolher o Tapete e alguns poucos objetos ritualísticos. Tanto Draskovic como Schröder eram “dissidentes” da Estrita Observância Templária e formularam seus próprios rituais, e, por isso, costumamos dizer que os Ritos São João e

Schröder são primos-irmãos, pois têm uma raiz comum e muitas semelhanças na dinâmica dos trabalhos.

A influência iluminista também é marcante, pois o Rito São João possui uma ritualística mais simples e objetiva, sem influências místicas ou esotéricas e focado no estudo no crescimento intelectual de seus membros.

Essa liturgia mais concisa permite um maior aproveitamento do tempo para discussões sobre Cultura Geral e Maçônica. Salvo raríssimas exceções, em todas as reuniões há apresentação de trabalhos e estudos, seguidos de edificantes debates sobre temas voltados para o aperfeiçoamento do homem e da sociedade.

Isso faz parte do conceito de Formação Permanente do Maçom e da premissa de que o homem só pode evoluir pelo exercício de suas capacidades intelectuais, garantindo a dignidade da existência humana na vida terrestre.

Parafraseando Kant: É o homem libertando-se de sua menoridade intelectual e ousando buscar o conhecimento por seus próprios esforços, sem depender de forças metafísicas ou de um determinismo divino.

O irmão Aleksandar Jovanovic cita a socióloga britânica Margaret Jacob numa de suas obras sobre o Iluminismo: “Durante o século 18, as lojas maçônicas conseguiram transformar os ideais filosóficos do Iluminismo em comportamento individual. A busca da perfeição humana para os maçons transformou-se em racionalidade, tolerância, sociabilidade e comportamento ético”.

Segundo o documento *Systema Constitutionis Latomiae Libertatis sub corona Hungariae, in Provinciam redactae* (Conjunto das Constituições dos Pedreiros Livres, redigido na província, sob a proteção da coroa da Hungria), escrito por Draskovic em 1775 e só recentemente descoberto, nossa Ordem teria originalmente sete graus.

No entanto, quando adotado oficialmente pela

Grande Loja Simbólica da Hungria, ele já constava apenas com os três Graus Simbólicos, não reconhecendo os Altos Graus. Mais uma transição que ainda está por ser explicada.

Essa é outra similaridade com o Rito Schröder, pois, alinhados com o pensamento dos fundadores da Primeira Grande Loja (também chamados de Modernos), defendiam que a profusão de graus posteriores ao de Mestre não integrava a Maçonaria Primitiva e Original, prestando-se apenas a conferir nobreza e atrair as classes mais abastadas, fascinadas pela perspectiva de uma ligação com as Ordens de Cavalaria e seus títulos.

Sua simplicidade originária reflete-se também no fato de não possuir, tradicionalmente, a figura destacada do Mestre Instalado. No entanto, por força de adequação ao Regimento Interno da Glesp, adaptações foram necessárias a fim de que os Veneráveis Mestres, ao serem eleitos, pudessem passar pela Cerimônia da Instalação.

No Rito Escocês Antigo e Aceito, os Mestres Instalados sentam-se no chamado Oriente, local da loja próximo ao trono do Venerável Mestre e separado do Ocidente por uma pequena balaustrada.

Pois bem. Na configuração de uma Loja do Rito São João não existe tal balaustrada e, por consequência, não existe Oriente fisicamente delimitado, o que é mais um argumento favorável à simplicidade e humildade fomentada pela prática desse rito e a valorização da igualdade fraternal em loja.

Considerações Finais

A história do Rito São João e sua acolhida pelos brasileiros são demonstrações do poder da perseverança sobre as adversidades. Um testemunho vivo do genuíno Espírito Fraternal Maçônico e a sua vontade férrea de fazer valer a liberdade humana.

Esta singela peça de arquitetura tem o objetivo de render homenagem a todos os irmãos que, desde a luta pela vida, no teatro beligerante da Revolução Húngara até o brilhante renascimento do rito

em solo paulista, deixaram suas marcas na história como verdadeiros defensores das tradições, da liberdade e das luzes da razão em nosso solo pátrio.

Não existe rito melhor ou pior. Existe o rito mais ou menos harmônico com as convicções e perfis dos maçons. A Maçonaria é generosa nos múltiplos caminhos que oferece aos que a procuram, seja buscando uma prática mais metafísica, seja sob um viés mais racionalista, pois a base, o alicerce, é a melhora do homem para melhora da humanidade.

Definitivamente, o Rito São João é adequado aos que desejam praticar uma Maçonaria centrada no potencial humano de aprimorar sua moral, sua cultura, sua atuação social e de buscarem a verdade por seus próprios méritos, com o natural respeito à força maior criadora desse universo, mas libertos de quaisquer dogmas ou afirmações que não sejam sedimentadas na liberdade de pensamento e questionamento, ingredientes fundamentais, principalmente, para a prática do trabalho maçônico sob o aspecto investigativo. ◆

Bibliografia Consultada

- DENES, P. & JOVANOVIĆ, A. *Constância no Trabalho – Edição Comemorativa dos 50 Anos da ARLS Resurrectio* – nº 99. São Paulo: Glesp, 2006.
- GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Rito São João – Ritual Do Primeiro Grau (Aprendiz Maçon) e Rituais Especiais*. São Paulo: Glesp, 2014.
- GRANDE LOJA SIMBÓLICA DA HUNGRIA. *Os Primeiros Passos na História da Maçonaria Moderna*. <https://bit.ly/2RkMafZ> (Consulta realizada em 13/09/2020).
- GOULD, R.F. *História Concisa da Maçonaria – Vol. III*. Tradução José Filardo.
- LAXA, E., & READ, W. *The Draskovic Observance – Eighteenth Century Freemasonry in Croatia*. In *Ars Quatuor Coronatorum* – Vol. 90. (1978).

Platonismo, Maçons e Maçonaria

Irmão Samir Cury

Loja Colunas de São João Batista, 857 – São Paulo

O objetivo deste texto é traçar um paralelo sobre alguns pensamentos de Platão com relação à polis grega, a Maçonaria e seus membros, a fim de contribuir de alguma forma para uma reflexão em busca de um autoconhecimento e percepção da relevância do papel do maçom na realidade que o cerca e sobre sua importância no tocante aos ideais pregados pela Ordem.

Para Platão, os seres humanos e a polis possuíam a mesma estrutura. Ao entender que o homem era corpo e alma – esta, prisioneira do corpo, era associada ao mundo inteligível e, portanto, racional, ideal e livre. Ao aprisionar-se no corpo, a alma esqueceria tudo de belo e bom que havia contemplado (teoria da reminiscência).

Outro aspecto relativamente pouco comentado é que Platão considerava três almas ou princípios de atividades, a saber:

1) A alma dos desejos ou do apetite, situada nas entranhas ou baixo ventre. Essa alma representaria os desejos carnis e de sobrevivência, relacionados à satisfação do corpo, seja por instinto de sobrevivência ou simplesmente pelos prazeres carnis.

2) A alma irascível, relacionada às emoções ou à cólera, situada no peito, mais precisamente no coração. Está associada às emoções em geral e que por vezes atua no âmbito das agressões com relação aos outros humanos, bem como com o meio ambiente.

3) A alma racional ou do intelecto, situada na cabeça, dedicada ao conhecimento verdadeiro através de método lógico, desenvolvendo assim a inteligência.

Mediante esse enfoque das três almas, podemos fazer um paralelo entre a Maçonaria enquanto instituição e o próprio maçom. A Maçonaria também pode ser composta entre corpo e alma, sendo seu corpo a estrutura organizacional puramente verificada em seus aspectos funcionais, sua estrutura administrativa, que compreende os diversos órgãos, sendo as lojas parte fundamental desse corpo como entidades celulares primordiais.

No entanto, assim como Platão considerava a alma o mundo ideal, onde os conceitos são puros e verdadeiros, a alma da Maçonaria pode ser vista da mesma forma, seus preceitos e seus princípios afirmam todo ideal de uma sociedade justa e perfeita, beirando a utopia.

Relativo ao maçom, sobre as três almas, gostaria de estabelecer aqui outra reflexão sobre os três graus simbólicos:

1) A alma dos desejos ou do apetite, situada nas entranhas ou baixo ventre. O Aprendiz Maçom vai exatamente em busca deste desprendimento do mundo físico, vencendo suas paixões ao desbastar sua pedra bruta. Aquele que souber levar uma vida pautada pela harmonia e equilíbrio, gozando dos prazeres da vida com moderação, se tornará livre de fato e, portanto, não prisioneiro nem refém dos desejos carnis e mundanos.

2) A alma irascível, relacionada às emoções ou à cólera, situada no peito, mais precisamente no coração. Aqui se encontra o Companheiro Maçom, que procura desenvolver o controle de suas emoções, principalmente daquelas tomadas por impulso que podem levar a agressões e à perda da confiança e ao distanciamento de uma verdadeira fraternidade, um dos objetivos da Ordem.

3) A alma racional ou do intelecto, situada na cabeça. O Mestre Maçom tem por objetivo justamente alcançar a sabedoria pela sabedoria, atingindo nessa fase a plena felicidade por ter vencido as etapas anteriores e por pautar sua vida com racionalidade e pleno domínio sobre as emoções e desejos destrutivos, livrando-se deles.

Outro aspecto relacionado à polis grega, no tocante à estrutura, Platão também a dividia em três grupos de componentes:

- 1) produtores, artesãos e comerciantes (destaco aqui artesãos);
- 2) guardiões; e
- 3) governantes.

Os primeiros seriam os que se encarregavam da subsistência, assim como os Aprendizes, são responsáveis por talhar as pedra. Os guardiões, responsáveis pela defesa da polis, seriam os Companheiros, os quais, unidos como devem ser, garantem o processo de evolução e aplainamento da pedra cúbica para que tudo e todos se encaixem perfeitamente na grande obra. Por fim, os governantes são os Mestres na qualidade de exemplos a servirem de inspiração na conclusão de uma obra, que é a obra da Maçonaria. Lembrando que essa obra maçônica jamais termina, todos os dias são renovados os propósitos de aprimoramento pessoal e espiritual.

Para uma polis ser bem ordenada, assim como para a Maçonaria, os seus integrantes seriam divididos nesses três grupos, de acordo com a alma preponderante e suas virtudes. Cada um, ao exercitar suas virtudes e superar os vícios, desempenha um papel na sociedade da polis, assim como na Maçonaria, contribuindo com seu melhor para o seu bom funcionamento e desenvolvimento de todos.

Platão dizia que um homem é injusto quando a alma desejante (os apetites e prazeres) é mais forte do que as outras duas, dominando-as. Também é injusto quando a alma colérica (a agressividade) é mais poderosa do que a racional, dominando-a. E aquele cuja alma racional é mais forte do que as outras duas almas, impondo à alma desejante a virtude da temperança (ou moderação) e à alma colérica a virtude da coragem, que deve controlar a raiva.

Desse modo, o que seria o homem justo (pelo menos isso), já que perfeito jamais seremos?

O homem justo é o homem virtuoso; a virtude, domínio racional sobre o desejo e a cólera. A justiça ética é a hierarquia das almas, em que a racional domina as inferiores.

Para Platão, o que seria a justiça política? Essa mesma hierarquia, mas aplicada à comunidade. A realização da justiça acontece quando a polis funciona dessa maneira que ele descreve, com cada pessoa exercendo o seu papel social, exercitando as virtudes da parte preponderante de sua alma.

Assim, na Maçonaria, cada um dos integrantes, seja Aprendiz, Companheiro ou Mestre (e aqui se incluem os Mestres Instalados e todos os governantes da Ordem), será justo desde que atue sempre comprometido com o seu próprio desenvolvimento e o desenvolvimento da coletividade maçônica.

A polis justa, ou a Maçonaria justa, é governada pelos princípios filosóficos, principalmente relacionados à ética, à moral e aos bons costumes. Os vícios devem ser superados e os prazeres comedidos.

Em contrapartida, a polis (ou a Maçonaria) injusta seria aquela na qual o governo está nas mãos daqueles que não pensam no bem comum da polis, ou da Ordem.

Os guardiões, ou Companheiros, lutarão por interesses particulares mergulhando em guerras e desavenças para satisfazer seus desejos individuais de honra e glória. Para Platão, somente os filósofos tinham como interesse o bem geral da polis, assim como somente o Mestre Maçom, aplicando os ensinamentos da Ordem, poderá governá-la com a justiça, esta desejada por todos.

Para Platão, quais seriam os critérios utilizados na escolha das pessoas que desempenhariam os papéis fundamentais para o bom funcionamento da polis? Como realizar a cidade justa? A resposta está no livro VII de *A República*, no mito da caverna, que dá margem a uma interpretação epistemológica, pela qual se explica a teoria das ideias, onde o filósofo, representado por aquele que se liberta das correntes ao contemplar a verdadeira realidade, passa da opinião (doxa) à ciência (filosofia) e deve retornar ao meio dos homens para orientá-los.

Do mesmo modo, todos os iniciados que ainda se encontram na caverna da ignorância, das ilusões, sejam eles Aprendizes, Companheiros, Mestres ou Mestres Instalados, devem se desprender de seus grilhões por iniciativa própria, sair da prisão e contemplar a Luz da Verdade, que liberta sua alma para uma vida melhor, tanto para si como para com seus irmãos.

Cabe ao sábio, na polis, ou ao Mestre Maçom, na Maçonaria, ensinar e dirigir. Trata-se da necessidade da ação política (política + ética), da transformação dos homens e da sociedade à qual pertencem, desde que essa ação seja dirigida pelo modelo ideal contemplado e almejado por todos.

É nesse sentido que Platão imaginava a polis ideal do mundo inteligível. E do mesmo modo, é assim que vejo como a Maçonaria deve ser organi-

zada, preceitos defendidos por ela mesma em toda sua história.

O fim seria para que seus integrantes possam viver de acordo com o supremo bem e a justiça, partindo do princípio de que as pessoas são diferentes, mas que têm seu papel na construção do ambiente onde a sabedoria, a força e a beleza predominem.

Somente os maçons que saíram da caverna da ignorância possuem as virtudes e o conhecimento necessário (as ideias) para dar à instituição uma estrutura bem ordenada, de forma que o bem e a justiça possam reger as relações entre seus integrantes.

Se para Platão a política é “a arte de governar os homens com o seu consentimento”, e o político é precisamente aquele que conhece essa difícil arte, só poderá ser chefe quem conhece a ciência política com aplicação justa e equânime.

Para Platão, a democracia era inadequada. Ele preferia a aristocracia, baseada na inteligência, ou seja, a sofocracia (governo dos sábios), pois desconhecia que a igualdade deve se dar apenas na repartição dos bens, mas nunca no igual direito ao poder.

Já para a Maçonaria, a democracia é pedra angular, pois garante a participação de todos para todos, princípio básico da liberdade, igualdade e fraternidade, alicerces fundamentais de uma sociedade justa em busca da perfectibilidade.

Embora o texto aqui se refira a Platão, concluo com uma frase de Sócrates: “A vida não examinada não vale a pena ser vivida”. ◆

Bibliografia:

- Diálogos de Platão (*A República*; *Fédon*; *Parmênides*)
- Constituições da Maçonaria
- Rituais do Simbolismo REAA

A Pedra Chave e a Maçonaria da Marca

Irmão Itamar Este Júnior

Loja Ordem, Sabedoria e Justiça, 389 – Oriente de São Paulo



O escopo deste trabalho tem como tema central “O mito da Pedra Chave e o seu lugar como sustentáculo do arco na abóbada do nosso Templo Interior e uma analogia Física e Matemática mediante à sua utilização na construção do Universo”.

Em primeiro lugar, farei uma abordagem sucinta sobre a lenda do Grau da Marca, a fim de contextualizar a questão. Feito isso, traçarei um paralelo entre a medida adimensional da Constante de Estrutura Fina, que se não fosse exatamente o resultado da divisão de $1/137$, o nosso Universo não existiria, fato este que podemos comparar à Pedra Angular, a qual se não colocada na abóbada do templo impossibilitaria a sua construção.

A Lenda do Grau da Marca

Os supervisores inspecionavam os trabalhos dos artesãos à luz dos seus conhecimentos e ordens expressas dos mestres. Numa dessas inspeções, um artesão encontrou, nas pedreiras de Tiro, uma pedra de forma singular que lhe chamou a atenção pela sua peculiaridade. Submeteu a peça à avaliação do segundo supervisor, o qual entendeu não estar no esquadro, porém não a rejeitou, haja vista a sua beleza e forma. Passou para inspeção do primeiro supervisor, o qual também entendeu não estar no esquadro, porém não a rejeitou, devido a sua beleza e forma. Este último, por sua vez, permitiu que a peça fosse analisada pelo mestre supervisor. O mestre supervisor convocou todos os supervisores, visando inspecionarem o trabalho. Após deliberarem, entenderam que a pedra não tinha utilidade para a construção do templo.

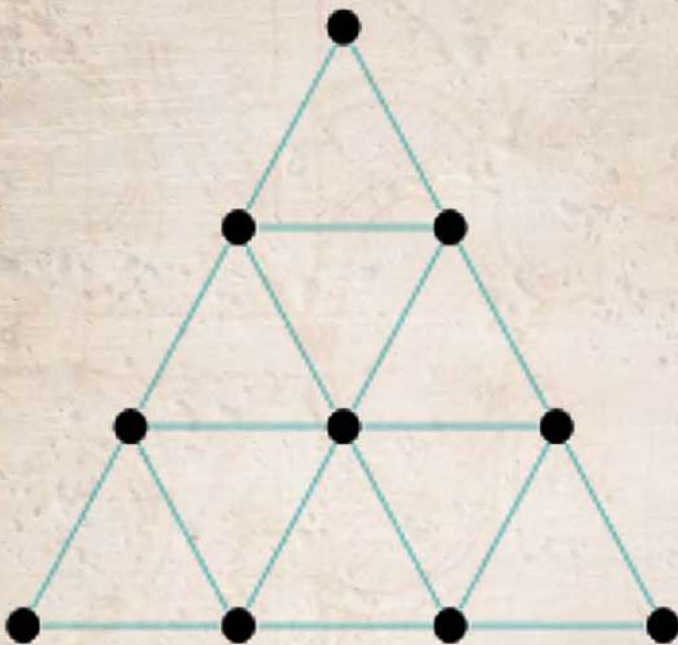
Não obstante sua beleza ímpar, foi relegada e lançada ao lixo. Algum tempo depois, quando as colunas estavam prontas e os arcos da fundação em fase de finalização, as obras ficaram paradas pela ausência de uma certa pedra. Esta pedra era aquela que havia sido jogada no lixo. Ela havia sido encomendada pelo nosso Mestre Hiram Abiff e continha uma marca e inscrição, que foi baseada num dos trechos das Escrituras Sagradas.

A pedra outrora rejeitada é a peça cardinal e principal do Templo do Rei Salomão. Ela simboliza a união do arco, a perfeição da obra, o trabalho bem elaborado. Tal sutileza e situação incorreram na necessidade de cada obreiro apor a sua “marca” ao respectivo trabalho. A pedra em questão trouxe à tona o Grau da Marca.

Pitágoras

A ideia mestra de Pitágoras é que “tudo é número”, ou seja, tudo nesse universo poderia ser expresso através dos números, ou melhor, ele foi arquitetado com base em números. A téttrade é simbolizada pela disposição dos números 1, 2, 3 e 4 em um triângulo equilátero. O somatório $1+2+3+4$ resulta na década (10).

A coleção dos quatro primeiros números é denominada Téttrade, onde, segundo os pitagóricos, tudo pode ser explicado.



Mônada

A palavra mônada vem do grego *monas*, que significa unidade ou aquilo que é único. É a essência espiritual de um ser. Segundo Leibniz, define-se mônada como uma substância simples, que não possui partes, sendo indivisível, dotada de percepções e tendências.

Binário, Ternário e Quaternário

Deus é a causa primeira das coisas. Pitágoras acreditava que os números começavam pelo 3, número/palavra que vem do latim e se relaciona com o grego, que significa “norma em caráter de lei”. Pode significar também ordem, disposição, arranjo e ritmo ou fluir.

Assim, o fluxo do mundo implica o número. O número é a harmonia que resulta do ajustamento dos opostos, que é representada pelo número 3. Todo ser finito é composto, e as suas partes constituintes relacionam-se conforme proporções específicas. O único ser absolutamente simples é o Ser Supremo, a Mônada. O fluxo móvel que emana da Mônada é simbolizado pelo número 1.

Com efeito, o 1 não é número, pois não possui qualquer relação com um terceiro. A exemplo do 2, que embora represente multiplicidade, é um oposto ao outro. O número 3 é a simbolização do espírito, pois é o reflexo da razão (do latim *ratio*, ou seja, a relação entre coisas distintas).

Um bom exemplo matemático: A está para B assim como B está para C. A relação entre A e C é mediada por B. Assim, podemos inferir que o espírito é mediado pela razão na mesma lógica da proposição matemática exemplificada anteriormente.

Platão (Timeu) entende que os números se iniciam pelo algarismo 2, porque ao lado do Uno surge o “outro”, pois temos o antagonismo entre o 1, que é diferente do Uno, e o 2, isto é,

o certo e o errado, a direita e a esquerda, o bom e o mau e assim sucessivamente. Dessa forma, o uno não pode ser considerado no processo de numeração e tampouco pode ser objeto de nosso conhecimento. O número 2 é par e está sujeito a divisibilidade.

Os número 5, 9 e o 7

O 5 cabe duas vezes dentro da década. Ele abrange o 2 (primeiro número par) e o 3 (primeiro número ímpar), sendo o número médio da década. Podemos nos referir aos cinco sentidos, aos cinco elementos existentes no universo, segundo Platão, e assim por diante.

O número 9 só cabe uma vez dentro da década e não está sujeito a divisibilidade, mas pode ser dividido em três ternários.

Para Platão, o número 7 era especial, pois, entre os números naturais 1 e 10, era o único que não era gerado pela duplicação de outro número e tampouco gerava outro pela própria duplicação. O 7 é indivisível e cabe uma vez dentro da década. Ele representa perfeitamente o Demiurgo em seu caráter uno, indivisível e infinito. Alguns exemplos estão no Apocalipse de São João: as sete Igrejas, os sete metais da escada dos segredos Mitraicos.

A Constante de Estrutura Fina

Ela está diretamente relacionada à razão entre a intensidade do campo magnético e a intensidade do campo elétrico ou, em linhas gerais, trata-se da dependência que um campo tem no tocante ao outro. Isso significa uma equalização de forças entre o campo magnético gerado pelo elétron, no ponto onde se encontra o núcleo, e o campo elétrico gerado pelo núcleo no ponto onde se encontra o elétron.

Com efeito, ela serve bem para separar o mun-

do entre estados e transições. Baseia-se na infinitesimal interação das forças eletromagnéticas. É conspícuo o fato de que se essa razão não fosse esse valor tão ínfimo, haveria um colapso entre as forças elétrica e magnética que impediria a formação dos átomos e dos elementos que deram origem ao Universo.

Epílogo

Encerro meu raciocínio com o fato de que a Pedra Cardinal é o alicerce fundamental que sustenta as colunas de nosso templo interior, que deve estar embasado na moral, na virtude, na sabedoria e na bondade. Nós, como maçons, devemos buscar sempre exercer o nosso papel de construtores sociais, a fim de que a humanidade possa ser feliz, razão pela qual fomos criados.

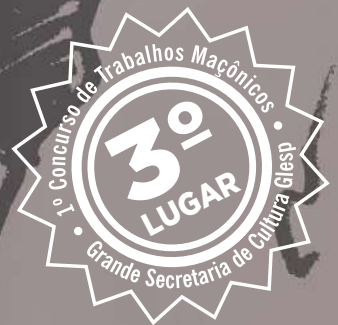
Essa é uma tarefa difícilíssima, mas é aqui que entra a Pedra Chave, que dá o sentido à nossa alma imortal para continuar a percorrer essa estrada. Ela é a linha tênue que nos mantém unidos como irmãos e que equilibra todas as forças, a exemplo da constante de estrutura fina, cujo valor reverbera em todo o Universo. ◆

Bibliografia

- JUNG, C.G. *Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade*. Editora Vozes: 1979.
- MATSUURA, Oscar T. *Timeu: a Cosmologia de Platão*. São Paulo: 2019.
- PRESCOTT, Andrew. *A História da Maçonaria da Marca*. Madras Editora: 2011.
- Ritual do Grau de Mestre da Marca*.
- The Theology Of Arithmetic – On the Mystical, Mathematical and Cosmological Symbolism of the First Ten Numbers*. Atribuído a Iamblichus (Jamblico). Robin Waterfield (Trad.). Kairos Book: 1988.



Solidariedade



Irmão Luís Antônio Bertoloto
Loja Joia Fraternal Jorge de Lollo, 268
Oriente de São Joaquim da Barra

Segundo sua definição, Solidariedade é um ato de bondade para com o próximo. É o sentimento de amor ou compaixão pelos necessitados ou injustiçados que impele o indivíduo a prestar-lhes ajuda moral ou material. É o apoio em favor de uma causa ou de um movimento. Extraída do latim (*solidus*), solidariedade quer dizer firme, inteiro, sólido e, no contexto francês (*solidarité*), traz o conceito de solidariedade mútua.

Seja qual for a vertente em que a solidariedade se expressa, ela não deve ser direcionada tão somente àqueles aos quais somos simpáticos por nossos valores ou crenças, mas também àqueles cujas ações ou pensamentos nos sejam distantes, indiferentes e mesmo antagônicos, pois Cristo nos ensina que “Se amais somente aqueles que vos amam, que recompensa tereis?” (Mateus, 5: 43-47).

Mas, nos dias de hoje, dar e receber esse sentimento ou ato solidário não tem se mostrado simples. Acostumamos a ser cautelosos e nos proteger, adotando muitas vezes a conduta da desconfiança, que nos leva a nos retrairmos, afastando-nos das pessoas e de suas boas ações.

Sob esses dois olhares, o de ser solidário e o de estar receptivo à solidariedade, Santo Agostinho nos mostra que o caminho é o amor, ao afirmar: “O amor fraterno é o que nos faz amar uns aos outros. Este amor não somente vem de Deus, mas é Deus. Portanto, quando por amor amamos o próximo é por Deus que o amamos” (De Trinitate, VIII, 8, 12).

O Salmo 133, chamado Salmo da Fraternidade, entoado na introdução dos trabalhos em Loja de Aprendiz Maçom, também é fonte de ensinamento e direcionamento ao exaltar “Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união”, nos demonstrando que Deus quer que caminhemos juntos em seu amor.

A solidariedade é, portanto, a forma necessária para prosseguirmos. É a dependência recíproca entre os homens, e recentemente estamos vivendo sua mais alta expressão. A Humanidade, pelos quatro cantos do planeta, está usando de todos os recursos para combater o vírus altamente contagioso e mortal que se instalou entre nós, o novo Coronavírus. Uma universal e fraternal rede de solidariedade se formou e demonstrou que se a doença não conhece fronteiras, a solidariedade também não.



Quando os primeiros casos surgiram, começaram a ser divulgados informalmente através das redes sociais e dos aplicativos de mensagens. Aos poucos, ganharam escala na mídia de todo o planeta. Informações confiáveis dividiam espaço com *fake news* e eram compartilhadas aos montes. Aquelas eram as notícias que todos ansiavam por receber – quantos casos confirmados, qual o número de óbitos, quais os sintomas, como era a transmissão, diagnóstico, como se proteger, se havia tratamento, quais atitudes tomar em caso de contaminação. Tudo isso emaranhado aos informes de colapso nas bolsas de valores ao redor do mundo, ameaça de recessão global, risco de desemprego em massa e muito mais.

Esse cenário levou os governantes, seguindo orientação da Organização Mundial de Saúde - OMS, a executarem medidas para evitar a disseminação daquilo que àquela altura já era classificado como pandemia. Oficialmente, foram feitas recomendações de uso constante de máscara, de higienização das mãos e de ambientes, da desinfecção dos objetos, além das drásticas medidas de distanciamento e isolamento social, chegando ao extremo do *lockdown* (bloqueio total ou confinamento).

Tão rapidamente quanto o vírus, disseminou-se pela sociedade uma onda de solidariedade. As pessoas foram contaminadas pelo bem comum e impulsionadas a agir com empatia, conscientes de que os efeitos de suas condutas atingiam o próximo.

As empresas, mesmo enfrentando uma grave crise econômica provocada pelo avanço da pandemia, anunciaram procedimentos para tentar frear a propagação do vírus entre seus colaboradores; interromperam suas atividades e começaram a divulgar sua pauta de generosidade.

Não só empresas, mas pessoas comuns se voluntariaram para ajudar os que se encontravam em

estado de vulnerabilidade social. Toda sorte de auxílio foi ofertada, desde a distribuição de alimentos à prestação de consultas gratuitas on-line.

Ações solidárias vindas de todos os cantos chegaram a todos os lugares. Fosse em dinheiro, insumos essenciais ou equipamentos, a lista de doações, só no Brasil, chegou aos milhares e o valor monetário à casa dos bilhões, segundo a Associação Brasileira de Captadores de Recursos – ABCR, entidade que monitora a filantropia brasileira advinda de empresas e pessoas físicas.

Apesar da difícil e pesada batalha, a solidariedade está sendo mais contagiosa que o vírus.

Nós, maçons, pelos ensinamentos no desbaste de nossa pedra bruta, mais do que membros inseridos nessa sociedade, devemos ter o papel de fagulha que espalha a ação entre os demais.

Nosso aprendizado e desenvolvimento interior, adquiridos pelo estudo do simbolismo maçônico, dispõem nossa alma para a prática do bem.

A Romã, o Pavimento Mosaico, a Orla Dentada, a Corda de 81 Nós e a Cadeia de União são alguns dos símbolos que reforçam que todos os maçons espalhados pelo Universo formam entre si uma única família de irmãos, em união comunitária e com os mesmos objetivos. Os ensinamentos desses simbolismos devem acompanhar e nortear os maçons em quaisquer circunstâncias de suas vidas.

A Romã é símbolo de prosperidade, caridade e união. Suas sementes e frutos, ao mesmo tempo unidos e prontos à dispersão e proliferação, são exemplos de que, em comunhão frutuosa de pensamentos, devemos levar ao mundo os ideais dos quais comungamos.

O Pavimento Mosaico representa que todos os maçons espalhados pela terra formam uma só fraternidade. Apesar da pluralidade de suas co-

res, raças, credos, religiões e opiniões políticas, os maçons permanecem ligados entre si, unidos pelo mesmo cimento.

A Orla Dentada simboliza a atração universal do amor, sustentando a harmonia, a fraternidade, a solidariedade e outras forças morais que devem existir no homem virtuoso. É a força que não permite que os quadrados do mosaico desagrupem-se.

A Corda de 81 Nós, ou o laço do amor, é a imagem da união e solidariedade. Ela oferece proteção por meio da irradiação de energias que abrigam e sustentam a egrégora formada durante os trabalhos maçônicos em loja. Seus nós representam simbolicamente a união fraternal e espiritual numa analogia com a posição dos braços dos irmãos na Cadeia de União.

Por sua vez, a Cadeia de União é um símbolo poderoso de junção dos irmãos num só lugar de maneira espiritualizada. Usada com as três virtudes morais que devem ornar o espírito e o coração do maçom – a fé, a esperança e a caridade – reverte-se em cura e solidariedade, pois a soma de ideias, força e virtudes emite e transmite o fluído que é projetado para o mundo profano.

Cada maçom, tendo a consciência de seu exemplar papel a desempenhar, fará com que não apenas toda a Maçonaria, mas toda a sociedade, receba a influência benéfica emanada a partir das lojas na forma de amor e solidariedade.

Reforcemos nosso papel de semeadores do bem e, quando tudo isso passar, gozaremos da mudança operada no mundo. Que nossos pés jamais estejam fincados no discurso solidário, mas que nossas mãos estejam, sim, trabalhando na solidariedade vivida.

“Nós, como espécie, temos de viver de maneira integrada; portanto, a solidariedade é mais do que uma virtude, é um princípio de inteligência e sobrevivência. Uma pessoa afastada dessa perspectiva perderá no isolamento” – Mário Sérgio Cortella.

Quando a Covid-19 for enfim combatida, certamente haverá em nós marcas das lembranças devastadoras, mas terá criado raízes em nós a lição de que só pela união e solidariedade é possível viver. Teremos alicerçados em nossas bases o amor e a fraternidade. Teremos presentes em nossos espíritos a singeleza e a grandeza de ser e estar pelo próximo. Seremos unidos, seremos fraternos, seremos justos, seremos uma nação não maçônica vivendo os preceitos da Maçonaria. ◆

Bibliografia

- AGOSTINHO, Santo. De Trinitate. *Livros IX – XIII*. Paulinas, 2007.
- BRANCO, Leo. *Doações Para Combate a Coronavírus Chegaram a R\$ 3 Bilhões no Brasil*. in *Época*, 17/04/2020. Acesso em: 20.04.2020. <https://bityli.com/jW9dU>.
- CORTELLA, Mario Sergio. *Filosofia - e nós com isso?*. Vozes Nobilis, 2019.
- D'ELLA JUNIOR, Raymundo. *Maçonaria: 100 Instruções de Aprendiz. Madras*, 2013.
- GONZALES, Roberto Souza. *A Egrégora na Cadeia de União*; in revista *A Verdade*, ano LXV, n° 528, p. 4 - 9, set./out. 2018
- PASQUIVIS, Rivail. *Romã: um fruto sagrado*; in revista *A Verdade*, ano LV, n° 461, p. 34 - 39, jul./ago. 2007.
- PESSOA, Fernando; PIKE, Albert. *A Origem e os Ensinamentos da Maçonaria: uma explicação clara dos princípios básicos das regras maçônicas*. Madras, 2015.
- PINTO, M.J. Outeiro. *Do Meio-dia à Meia-Noite: compêndios maçônicos do Primeiro Grau*. Madras, 2007.
- SCARANELLO, Frederico G. *Simbologia do Pavimento Mosaico e da Orla Dentada*; in revista *A Verdade*, ano LIV, n° 456, p. 10-12, set./out. 2006.
- VAROLI, Jairo. *As Cordas*; in revista *A Verdade*, ano LIV, n° 456, p. 9, set./out. 2006
- Aprendiz Maçom: *Ritual do Simbolismo*. GLESP: 2005
- Bíblia Sagrada. Tradução CNBB.
- Michaelis: *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Acesso em: 19.04.2020. <https://bityli.com/XB1EN>.
- Ministério da Saúde. Acesso em: 26.04.2020. <https://bityli.com/DsYlr>.
- Origem da Palavra. Acesso em: 19.04.2020. <https://bityli.com/s4YbH>.



Reflexões sobre a
PANDEMIA

Irmão Carlos Alberto Rocha

Loja Cinquentenário, 192 – Oriente de Santo André

E lá se vão mais de 365 dias desde o início do isolamento social que praticamente nos foi imposto visando obstar, ou evitar o quanto possível, a propagação dessa peste denominada Covid-19, que pode ser considerada, certamente, o grande mal desse século.

Evento de tamanhas proporções em nível mundial que guarda similitudes com o que estamos vivenciando nesse exato momento ocorreu em passado não muito remoto, mais especificamente no período compreendido entre janeiro de 1918 a dezembro de 1920, quando o vírus Influenza, apelidado de gripe espanhola, infectou o número aproximado de 500 milhões de pessoas, correspondente a um quarto da população mundial, estimando-se uma dizimação de quase 20% desse total.

O fato é que jamais passou pelas nossas mentes que algo similar voltaria a acontecer e que medidas tão rígidas de prevenção seriam adotadas a ponto de repercutir consideravelmente em todos os campos de nossa vida, seja no aspecto humano, filosófico, econômico ou social. Uma coisa é por demais certa: nada será como antes.

Se por um lado, esse traumático episódio será lembrado com profunda dor e tristeza por muitos em razão do passamento de seus entes queridos que acabaram sucumbindo diante de tal doença, o que não pode ser ignorado ou relevado, por outro, é sua contribuição para o surgimento de uma nova realidade, que a médio ou longo prazo fará com que todos sintam os seus efeitos positivos.

O *home office*, ou trabalho remoto, antes visto com desconfiança e reservas por parte de muitos, comprovou que não só funciona como também aumenta o nível de produtividade de modo geral, segundo estatísticas. Provavelmente, deverá se tornar a ferramenta padrão de trabalho, deixando reservado para os serviços presenciais apenas aquilo que a tecnologia ainda não permite ou seja dificultosa a sua prática à distância.

Essa tendência fará com que muitos empregadores repensem a necessidade de se exigir a presença

física diária ou frequente de seus funcionários no ambiente de trabalho, já que tal experiência demonstrou não ser essa essencial.

Conseqüentemente, com menos pessoas trabalhando de forma presencial, não haverá razões para ocupação de um espaço físico considerável, o que gerará maior economia com o pagamento de aluguéis, contas de água e energia elétrica, materiais, vale transporte e combustível, dentre outras despesas.

A desnecessidade de deslocamento diário até o local de trabalho, para muitas pessoas extremamente penoso e desgastante, por conta da distância e do trânsito intenso, proporcionará maior qualidade de vida, o que resultará naturalmente em maior eficácia e produtividade no labor, pois a energia e o tempo antes despendidos poderão ser canalizados na prestação dos serviços, como já vem ocorrendo.

Além disso, com menos veículos nas ruas e avenidas, menos fumaça será produzida e circulada, reduzindo drasticamente os níveis de poluição, contribuindo assim para um melhor equilíbrio e preservação do meio ambiente e, por consequência, na melhoria da saúde da população.

Já no âmbito familiar, pode-se observar um maior estreitamento dos laços entre pais e filhos, algo que vinha se perdendo gradativamente com o passar dos anos devido ao fato de ambos, pai e mãe, ocuparem a maior parte do dia no trabalho e, muitas vezes, no trânsito, em prejuízo da convivência. Sem dúvidas, a presença constante dos pais na criação dos filhos menores fará com que, no porvir, tenhamos cidadãos mais bem educados e preparados para o mundo.

Contudo, ao mesmo tempo que vislumbrava essas diversas vantagens moldando-se ao nosso cotidiano, não pude deixar de sentir inicialmente alguma insegurança, incerteza e angústia, notadamente por conta dos momentos de total solidão, sem ter a noção exata acerca de quanto tempo se alastraria a quarentena forçada, algo que também pode ter sido experimentado por tantos outros que também são solteiros e residem sozinhos.

Veio-me então o seguinte questionamento: será que diante destes novos costumes, aliados à crescente evolução tecnológica, num futuro próximo estaríamos fadados ao completo isolamento e distanciamento social?

Após refletir durante esse período, pude concluir que não. Por mais que as diversas facilidades e novas alternativas reveladas possam induzir para essa tendência, o ser humano, como regra geral, é um ser emocional/afetivo. As relações sociais são inerentes à sua natureza. Somos dependentes um do outro, até mesmo para a consecução das coisas mais simples da vida. É por isso que sentimos a incessante necessidade de buscar o convívio com nossos semelhantes e com eles compartilhar nossos momentos de conquista e felicidade.

A realização de encontros e reuniões on-line através de aplicativos como Zoom e Skype e o crescimento da promoção de lives no Instagram e Facebook comprovam este pensamento. Os encontros virtuais não vieram para substituir as reuniões presenciais em sua totalidade, mas surgiram como alternativas para aqueles que estão impossibilitados de se encontrar pessoalmente ou para discutir e tratar de assuntos estritamente profissionais em que o contato físico e pessoal não seja tão relevante.

Penso que jamais haverá tecnologia que possa fazer com que a energia da comemoração de uma festa de aniversário ou de um show musical possa ser sentida sem a presença física das pessoas.

Vale ainda citar que esse período de isolamento serviu não apenas para que eu refletisse sobre esse e tantos outros assuntos, mas principalmente na busca pelo autoconhecimento, que em nossa linguagem simbólica traduz-se na árdua tarefa de lapidar a pedra bruta.

A momentânea ausência de contato com o mundo exterior, apesar de angustiante e deprimente até certo ponto, conforme dito em linhas anteriores, foi fundamental para que eu voltasse os olhos integral-

mente para o meu interior, algo semelhante com o que aconteceu durante o meu rito de Iniciação, quando fui privado da visão, de meus pertences pessoais e parte de meus trajes.

A verdade é que o vazio causado pela falta de convívio social e a limitação das atividades externas possibilitaram a retomada de atividades e projetos que estavam parcial ou totalmente abandonados até então, dando a mim novo ânimo para me envolver em outros e ter novas ideias que provavelmente não teriam surgido sem a quarentena.

Assim, as reflexões não estavam tão somente voltadas em eliminar os meus vícios e defeitos, mas também em enaltecer as minhas virtudes e qualidades. Afinal, o aprimoramento de nossas habilidades e talentos, que a meu ver constitui um dos desdobramentos do agir com sabedoria, força e beleza, também é fundamental para a nossa evolução até nos tornarmos seres humanos justos e retos, pois nos estimula a mantermos focados em nossos objetivos e, de modo indireto, a aumentarmos a nossa imunidade em relação aos diversos males, os quais estamos sempre engajados em combater, tais como o preconceito, a intolerância, o fanatismo, a ambição, a mentira, a ignorância, a discórdia e o ódio.

Oportuno traçar um paralelo com os nossos instrumentos de trabalho, pois acredito que até hoje nunca havia utilizado de maneira tão produtiva e eficiente o maço, o cinzel e principalmente a régua de 24 polegadas.

Posso afirmar, agora com certa convicção, que esse período turbulento teve sim papel importantíssimo no caminho pela conquista da perfeição moral, tanto na busca pelo autoconhecimento como pelo conhecimento propriamente dito, mesmo estando fisicamente distante dos irmãos da loja, com os quais continuei plenamente conectado nessa grande corrente de força e apoio sob os auspícios do Grande Arquiteto do Universo. ◆



A Verdade

A REVISTA DO MAÇOM



R\$ 106,15

- Jornalismo, informação e estudo
- O pensamento dos mais conceituados autores da Maçonaria contemporânea
- História, ritualística, simbologia, filosofia e muito mais...

Para obter a assinatura anual (6 edições) envie cheque nominal à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 106,15, juntamente com seus dados (nome, endereço completo, telefone, e-mail, loja, oriente e potência) para a Caixa Postal 2.774, CEP 01031-970, São Paulo, SP.

ORDEM E PROGRESSO



www.glesp.org.br